

CULTURA VISUAL E CINEMA: DOCUMENTÁRIO E “REALIDADE” NAS REDES EDUCATIVAS

VISUAL CULTURE AND CINEMA: DOCUMENTARY AND "REALITY" IN EDUCATIONAL NETWORKS

Rosa Helena Mendonça
UERJ/Brasil
rhmen50@gmail.com

Rossana Maria Papini
INFES/UFF/Brasil
Rmpapini2009@hotmail.com

Resumo

Este artigo pretende destacar o uso do cinema, suas imagens e sons, na perspectiva de uma chamada 'cultura visual' que, no caso dos filmes, é também sonora. A ideia é subsidiar as práticas escolares, por meio da formação de professores. A proposta consiste em, por meio de sessões que denominamos "Cineconversas", promover a exibição de filmes, seguida de conversas. As migrações têm sido, entre outros temas de urgência social, um assunto de destaque em nossas práticas. Interessa-nos, sobretudo, pensar de que forma essas questões vêm sendo incorporadas nos currículos. O documentário "*É tudo verdade*", criado a partir do projeto inacabado de Orson Wells, no Brasil, ao trazer a temática dos jangadeiros e sua luta por melhores condições de vida, traz como pano de fundo a questão da migração de ocorreu no país, do norte e nordeste para o sul, a partir dos anos 1930, e que se ampliou nos anos subsequentes, no contexto de um projeto desenvolvimentista cujas consequências ainda atingem em certa escala às chamadas comunidades tradicionais.

Palavras-chave: Cineconversas; visualidades; mediações; comunidades tradicionais.

Abstract

This article intends to highlight the use of cinema, its images and sounds, in the perspective of a so - called 'visual culture' which, in the case of films, is also sonorous. The idea is to subsidize school practices, through the training of teachers. The proposal consists of, through sessions that denote "Cineconversas", to promote the exhibition of films, followed by conversations. Migrations have been, among other issues of social urgency, a highlight in our practices. We are especially interested in thinking about how these issues are being incorporated into the curriculum. The documentary "*It's All True*", created from the unfinished project of Orson Wells in Brazil, brings the theme of the 'jangadeiros' and their fight for better living conditions to the background of the issue of migration of occurred in the country, from the north and north-east to the south,, from the 1930s onwards, and expanded in subsequent years, in the context of a developmental project whose consequences still affect to a certain extent the so-called traditional communities.

Keywords: Cineconversas; visual culture; mediations; traditional communities.

Introdução: é mesmo tudo verdade nos documentários?

Segundo Rancière, “*um filme documentário*” não é o contrário de *um filme de ficção*” (2013, p.160). De fato, enquanto este último se vale do trabalho de atores e de um argumento inventado, mesmo quando inspirado em fatos reais, aquele busca nas imagens e depoimentos recolhidos na ‘realidade dos cotidianos’ ou em arquivos jornalísticos o material que dará base à edição. Ambos são, assim, criações de realidades.

O documentário “É tudo verdade”, criado a partir do projeto inacabado de Orson Wells no Brasil, tem nos servido de inspiração em diferentes ‘espaços tempos’¹ de criação, por suas características singulares.

Como essas imagens, captadas nos idos anos 1930, podem nos ajudar a pensar questões atuais, como a vida dos pescadores, o cinema documentário e suas condições de produção e a própria cultura visual, entendida como diversos aspectos das visualidades (MARTINS, 2008).

Nossas questões partem de Certeau (1994), de filmes em conversas (DELEUZE, 2010; BRAGANÇA², 2008) nas redes educativas (ALVES, 2008) em que tecemos ‘conhecimentos significações’, acerca de questões que estão presentes nos cotidianos e, portanto, nos currículos escolares

O projeto do Grupo de Pesquisa “Currículos, redes educativas, imagens e sons”³ (ProPEd/UERJ) tem, em sessões que denominamos de “cineconversas”, a proposta de após a exibição de filmes, conversar, em grupo, com as ‘narrativas, imagens e sons dos filmes’, que são exibidos com a intenção de ajudar a compreender alguns processos sociais e de problematizar inserções possíveis nos currículos escolares, uma vez que os participantes são ‘professores pesquisadores’ em educação.

No atual projeto temos uma temática fulcral que é a que envolve os processos migratórios, considerando a urgência de se lidar com essa questão nas escolas, pela sua relevância social e humanitária e, principalmente porque as escolas, em especial as públicas, vêm recebendo alunos oriundos de diferentes

¹ Grafamos os termos juntos, em itálico e entre aspas, para reforçar a ideia, cara ao nosso grupo de pesquisa, de não dicotomizar determinadas noções como foram concebidas no contexto da Ciência Moderna.

² Neste livro, Felipe Bragança (2008) organiza obra sobre a produção do documentarista Eduardo Coutinho.

³ O projeto de pesquisa, coordenado pela profa Drª Nilda Alves, intitulado “Processos curriculares e movimentos migratórios: os modos como questões sociais se transformam em questões curriculares nas escolas”, possui apoio do CNPq (2017-2020).

países, dos quais foram forçados a sair por questões as mais diversas. Em nosso território, eles se juntam a outras crianças, jovens e adultos, muitos dos quais, migrantes em seu próprio país. Esses deslocamentos se dão, na perspectiva do nomadismo e do êxodo, enfim das diásporas, em busca de melhores condições de vida. E são muitas as razões: guerras, fenômenos climáticos, aspectos religiosos, políticos, econômicos, culturais e etc..

Entender como essas questões são tratadas nas escolas e como têm sido percebidas por professores e gestores é o nosso interesse.

Para subsidiar essas conversas difíceis e necessárias, o cinema tem se mostrado um artefato de grande potência.

Na História da humanidade o fenômeno das migrações é antigo e recorrente. É, aliás, um movimento que acompanha os seres humanos, desde os primórdios. Mas ponderamos que talvez, nunca dantes tenha alcançado proporções tão alarmantes, exigindo esforços e soluções de maior âmbito, não só de governos e organismos internacionais.

Para nós as produções cinematográficas são entendidas como “personagens conceituais” com os quais conversamos para criar. Os filmes, sem desconsiderar os aspectos de linguagens e concepções cinematográficas que os constituem, são entendidos por nós como personagens conceituais. Eles são os “outros”, os intercessores que nos permitem a criação (DELEUZE 1992),.

Escrito em dupla, este texto representa, no entanto, o pensamento do grupo de pesquisa.. Compreendemos, assim, que suas autoras funcionam como intercessoras uma da outra, pois além das experiências que as/nos aproximam como ‘professoras pesquisadoras’ (ESTEBAN; ZACCUR, 2002), temos também nossas redes educativas singulares que constituímos e que nos constituem ao longo da vida.

São vários os territórios de nossas vivências. Como pesquisadoras, temos experiências diversas, nos âmbitos da educação na cidade (grandes centros urbanos) e no campo (em pequenas vilas, na beira das estradas, em zonas rurais e ‘rururbanas⁴’). Entre as muitas atividades que essas populações desenvolvem, neste

⁴ Trazemos a autora Maria José Carneiro (2012), para nos ajudar a repensar as polarizações/significações que temos de “urbano” e “rural”. John Comerford, que faz a apresentação de seu livro diz que, “a autora vai desmontando a possibilidade de definições analíticas unívocas e polaridades fixas e definitivas” (p.11). Desta maneira, em “diferentes locais, deparamo-nos não com comunidades pacatas e tradicionais, voltadas fundamentalmente para a agricultura [ou a pesca, opinamos], mas com o movimentado encontro entre famílias

texto, abordaremos especificamente a vida dos pescadores artesanais, suas tradições culturais e suas expectativas de trabalho. São parte das chamadas comunidades tradicionais do Brasil, indígenas, quilombolas, ribeirinhos, faxinais, camponeses, etc.

Tratando desta população tradicional, de pescadores artesanais, optamos por uma produção audiovisual que pudesse costurar um link, construir uma ponte entre o passado e o presente. O filme que escolhemos para desenvolver este artigo, não trata diretamente de migração, mas de deslocamento em busca de melhores condições de vida. E esse enfoque permite que a questão da migração possa ser tratada como pano de fundo nas conversas e análises dele decorrentes.

Quatros homens e uma jangada – É tudo verdade (?)

Na esteira da chamada ‘política da boa vizinhança’, em 1942, o jovem e já consagrado cineasta americano Orson Wells, diretor do emblemático Cidadão Kane, vem ao Brasil, rodar um documentário sobre o Carnaval no Rio de Janeiro. As filmagens foram conturbadas, o orçamento estourou e, no meio do projeto que foi batizado de *It's all true* (É tudo verdade), Wells toma conhecimento pelos noticiários⁵ da história de quatro jangadeiros que vieram em pleno Estado Novo, de Fortaleza ao Rio de Janeiro, então Capital Federal, em uma jangada, sem auxílio de instrumento náutico algum, para reivindicar junto ao Presidente Getúlio Vargas direitos trabalhistas para os jangadeiros em seu trabalho de pesca artesanal.

A decisão da viagem reivindicatória dos jangadeiros ao Rio de Janeiro havia ocorrido após mais uma morte de um companheiro que deixava em total desamparo uma viúva e seus filhos, situação trágica e recorrente. O assunto tomou conta dos noticiários, a travessia teve êxito e eles foram recepcionados por autoridades na então Capital Federal, sem, contudo, verem suas reivindicações atendidas de imediato. O cineasta fica fascinado com a história e vai ao Ceará para conhecer os personagens, decidido a filmar a reconstrução dessa travessia,

que vivem ali há gerações e hoje combinam diversas modalidades de agricultura com outras atividades não agrícolas, gente de origem nitidamente urbana e de classe média em busca de “natureza” e “tranquilidade” (...), pequenos (ou nem tão pequenos) empreendedores em ramos como o turismo, o comércio, a confecção, e assim por diante. Encontro, por vezes, sinérgico, por vezes, tenso e conflituoso, por vezes, até mesmo festivo, com a espetacularização de uma “tradição rural” que pouco tem a ver com o cotidiano atual dos moradores...” (p. 11-12). Assim, as chamadas “ruralidades contemporâneas” surgem como uma ferramenta para pensar este complexo processo, seus diferentes arranjos e contextos dentro da grande diversidade do rural brasileiro.

⁵ <https://youtu.be/smgpS1EbcB4> (acessado em 03/04/19) - matéria jornalística da época.

usando uma linguagem documental.

Durante a reconstituição dessa viagem, uma tragédia faz com que o material da filmagem fosse arquivado: Jacaré, apelido do líder dos jangadeiros, exímio nadador, morre afogado na praia de Copacabana⁶. Dolorosa ironia do destino?

Só muito mais tarde, na década de 90 esse material foi resgatado por três pesquisadores americanos que realizaram o documentário *It's all true* (1993)⁷, em que as histórias da travessia de Jacaré e das filmagens de Wells aparecem inexoravelmente misturadas, revelando muitos outros processos que nos permitem pensar sobre documentário e ‘verdade’. Afinal: seria tudo verdade?



Cena gravada por Wells para o documentário⁸

Como dito anteriormente, as autoras têm desenvolvido alguns artigos em co-autoria, cuja proposta é retomar experiências pioneiras com o cinema com o objetivo de trazê-las para conversas acerca de questões sociais e, portanto, curriculares. Ao recuperar essas produções e fazê-las circular entre novas gerações temos alguns propósitos como: mostrar que as experiências, mesmo as inacabadas, podem germinar, darem frutos, trazendo novas possibilidades de criação; reforçar a potência das imagens do cinema como registro de acontecimentos.

Uma conversa puxa outras

Ao decidirmos assistir juntas ao documentário “É tudo verdade”, queríamos avaliar a possibilidade de usar esse filme na formação de professores. A

⁶ <https://youtu.be/GtaYuirQNpo> (acessado em 03/04/19) - cenas de ‘Quatro homens em uma jangada’, retomadas no documentário *It's all true*.

⁷ O título do projeto de Wells deu nome ao documentário que recupera suas gravações e também ao Festival Internacional de Documentários É Tudo Verdade (*It's all true*).

⁸ Ver mais informações em <https://imagensamadas.com/2015/12/10/quatro-homens-em-uma-jangada/> (acessado em 02/14/19)

ideia das “cineconversas” é, como já dissemos, usar o cinema para buscar entender aspectos variados da vida social e sua inserção nos currículos. Uma primeira questão que o documentário suscitou foi o debate em torno da noção de comunidades tradicionais no Brasil, que têm sofrido transformações, em especial, nas últimas duas décadas.

Destas comunidades, destacou-se a chamada cultura caiçara, de pescadores. Uma das autoras deste texto viveu/trabalhou anos como docente e gestora de Educação do Campo⁹ junto às vilas de pescadores da Baía da Ilha Grande, no sul fluminense, tendo escrito outros artigos versando sobre estas experiências de formação (PAPINI, 2009, 2011). Lá vivenciou cotidianos longe das cidades, em vilarejos à beira-mar que, periodicamente ‘invadidos’ pelo turismo, sofrem grande pressão de especulação imobiliária, com esvaziamento de determinadas comunidades e fechamento de escolas, além de problemas ambientais. Antigas formas de viver/existir estão ameaçadas e com elas a pesca artesanal e uma infinidade de saberes, como a feitura de canoas, o conhecimento das marés e das luas, dos peixes e dos encantados, dos causos e neles das mil histórias que contam por ali...

Trabalhando com pescadores, descobrimos serem estes termômetros do mar e dos estuários, dos rios e lagunas, assim como de muitos outros corpos d’água que são narrados pelos pescadores. Vivendo por gerações da pesca e da coleta de moluscos e de outros seres das águas com valor como alimentação, desenvolveram todo um saber da experiência (BONDÍA, 2002).

Destes trabalhos, várias leituras e algumas parcerias, originou-se um gosto pela pesquisa etnográfica, gosto este que se debruçou sobre a cultura caiçara, tendo desdobramentos que se elucidarão ao longo do texto. Segundo Mussolini (1980, p.226), num texto inaugural escrito nos anos 40/50,

o tipo de vida fechada que se desenvolveu no litoral, com poucos contactos com o mundo de fora, (...) resultou um aproveitamento intensivo, quase exclusivo e mesmo abusivo dos recursos do meio, criando-se, por assim dizer, uma intimidade muito pronunciada entre o homem e seu habitat. Conhece o homem muito bem as propriedades das plantas ao seu redor (...) bem como os fenômenos naturais presos à terra e ao mar e que os norteia no sistema de vida

⁹ A Educação do Campo, uma nova modalidade de ensino surgido/instituída nestas últimas décadas preconiza, em seus marcos normativos (2012), uma educação diferenciada aos povos tradicionais, capaz de respeitar suas culturas e valorizar seus “saberesfazeres”.

anfíbia que leva, dividindo suas atividades entre a pesca e a agricultura de pequeno vulto, com poucos excedentes para a troca ou para a venda: os ventos, os “movimentos” das águas, os hábitos dos peixes, seu periodismo, a época e a lua adequadas para pôr abaixo uma árvore ou lançar à terra uma semente ou uma muda ou colher o que plantou.

Trabalhando com a história local sempre encontramos esses povos antigos, que continuam ali, de forma secundária, escondidos nas franjas da floresta, nos costões do mar, nas numerosas ilhas, nas periferias urbanas. Muitos de nossos alunos na época eram descendentes dessa população tradicional, deslocando-se dos sertões rumo à escola na caminhonete da prefeitura, que tinha também barcos fretados para o transporte escolar, trazendo o pessoal das ilhas para o continente e vice-versa. Segundo Freitas (2005, p.65), citando Florestan Fernandes (1974),

Como bem salientou Emílio Willems, culturas diversas coexistem, na sociedade brasileira, dentro das mesmas fronteiras políticas. A cidade de São Paulo reproduz, na atualidade, o futuro provável de outras comunidades brasileiras, em urbanização e em industrialização. Estas mesmas comunidades exprimem (...) pelo menos estrutural e culturalmente, o passado de nossa cidade. Várias fases, supostas historicamente extintas, na evolução social do Brasil persistem e vivem na existência quotidiana de muitas aglomerações humanas brasileiras do presente.

O estudo desta realidade foi/é então muito importante, pois mostra no presente parte de nosso passado, toda nossa herança cultural. Além disso, procuramos discutir o estigma do rústico, do simples, do analfabeto, que ronda estas populações (Freitas, 2005). Entre os alunos foi comum o esconder-se, o negar qualquer ligação com o mundo rural, tido como atrasado, rude, um lugar “sem nada”. Era grande sua timidez, mesmo quando estimulados, e consideramos sua participação e produção uma vitória dentro de uma prática escolar cotidiana crítica e que se pretende humanizadora. Aprendemos muito com eles.

A abordagem antropológica e os cotidianos vividos

Na época, mergulhamos na cultura caiçara e suas relações com nosso cotidiano escolar, e nos inserimos numa abordagem qualitativa, optando naquele então pelo estudo de caso etnográfico. Segundo André (1995, p.27) “a etnografia é um esquema de pesquisa desenvolvido pelos antropólogos para estudar a cultura e a sociedade”. Nela é fundamental um trabalho de campo, a observação

participante, entrevistas, análise de documentos, nos quais é central o papel do pesquisador, que estaria mais interessado no processo e não em resultados finais de seu trabalho. Assim,

a pesquisa etnográfica busca a formulação de hipótese, conceitos, abstrações, teorias e não sua testagem. Para isso faz um plano de trabalho aberto e flexível, em que os focos da investigação vão sendo constantemente revistos, (...). O que esse tipo de pesquisa visa é a descoberta de novos conceitos, novas relações, novas formas de entendimento da realidade. (André, 1995, p.30)

Talvez estivéssemos fazendo uma adaptação da etnografia ao universo da educação, estudando a vida desses alunos, considerados rústicos, e sua inserção num mundo urbano e industrial. Não estávamos vinculados à Academia, e exercíamos nosso papel de professores-pesquisadores, sendo levados pelo autodidatismo a alguns encontros, como com Freitas (2005), que nos esclareceu, referindo-se as décadas de 50/60 do século XX, remetendo-se a Antonio Cândido:

a escola urbana seria uma instância de socialização traumática para a criança e para o jovem não citadinos, uma vez que a adaptação a sua estrutura demandaria auto-rejeição, importando a cada indivíduo desvincilar-se do que de mais arraigado possuía e que portanto, pesava-lhe como tradição.

O chamamento que a escola urbana fazia à criança e ao jovem descritos como rústicos, quando atendido, induzia a uma quebra de continuidade nas relações então estáveis entre homem e meio. Em decorrência disso a aceleração no ritmo de vida profanava formas elementares de convívio (Cândido, 1957, p.58).

Isto foi visto por nós, em nossa carreira docente, quando percorremos inúmeras escolas e comunidades do município, presenciando a dicotomia entre a cultura escolar e o universo cultural de parte dos educandos, suas redes educativas diversas das nossas. Boa parte dos professores vinha de fora, pouco sabia da cultura local. Tudo isto se aliava aos chamados da mídia, ao consumismo, à acelerada urbanização, à intensificação do turismo, que fez crescer as periferias com um intenso êxodo rural, esvaziando até comunidades de ilhas, sendo este fenômeno facilmente observável em Angra dos Reis e Paraty, cidades com forte perfil turístico.

Continuando os esforços rumo à compreensão desta cultura tradicional, vários foram os esforços para repensar algumas questões. Um importante encontro se deu em duas OFF FLIP, acontecimento paralelo à FLIP (Festa Literária Internacional de Paraty), organizada por grupos locais, nos anos de 2007 e

2008, quando conhecemos o professor Antonio Carlos Diegues (1994,1996), do NUPAUB-USP (Núcleo de Apoio a Pesquisa sobre Populações Humanas e Áreas Úmidas Brasileiras), especialista em cultura caiçara e que lá estava dando palestras e cursos, juntos com outros, como representantes de várias comunidades caiçaras de São Paulo e do Paraná. Estes estudos e suas contribuições às comunidades foram e estão sendo cruciais para a construção de uma identidade cultural e uma resistência local frente às questões fundiárias, onde as terras são disputadas geralmente por grandes grupos hoteleiros.

Paralelamente, tivemos contato com técnicos do Governo Federal, do Ministério do Meio Ambiente, presentes nestes eventos, que socializaram uma série de políticas públicas ligadas ao setor, como o Programa Comunidades Tradicionais e a Comissão Nacional de Desenvolvimento Sustentável das Comunidades Tradicionais, hoje representados por sertanejos, seringueiros, remanescentes de quilombos, pescadores artesanais, ciganos, povos indígenas, pantaneiros, ribeirinhos, caiçaras etc., que lutam pelo desenvolvimento sustentável com inclusão social e produtiva, reconhecimento e afirmação de seus territórios, tradições e tecnologias próprias de manejo e conservação dos recursos naturais. Os muitos textos doados por eles foram usados em sala de aula, dando suporte as ações pedagógicas, contextualizando nossa narrativa, como o SNUC, o Sistema Nacional de Unidades de Conservação da Natureza (2000).

Outro encontro importante se deu em nossa parceria com o Projeto Expedição Grande Ilha (2004-2008), um projeto especial de educação então vinculado à Secretaria de Educação de Angra dos Reis, responsável pela formação continuada na Ilha Grande, subsidiando e desenvolvendo ações relativas à memória, à identidade cultural e ao meio ambiente. O Projeto trabalhava com fotodocumentação, produzindo registros de imagens e era grande o impacto de nos vermos depois em seus documentários. Nestas experiências fomos conhecendo o chamado *mosaico*, o conjunto de unidades de conservação da região, que inclui parque marinho, reserva biológica, reserva de desenvolvimento sustentável, etc, e tomando conhecimento de toda uma história sobre a preservação da natureza.

Nesta parceria conhecemos Helena Catão Ferreira, que pesquisava a construção de uma identidade caiçara pelo povo de Aventureiro, praia isolada da Ilha Grande, envolvida há quase trinta anos num '*imbróglie*' sobre a permanência ou

não de sua população num local dado como reserva biológica, proibida a assentamento humano. Os habitantes do Aventureiro são considerados pelos ambientalistas como a mais tradicional população caiçara do Estado do Rio de Janeiro. O conceito de caiçara, vindo de fora, forjado por pesquisadores da USP (Universidade de São Paulo) vai sendo assumido pelos seus habitantes,

Porque é na relação com o outro e pela necessidade de marcar uma diferença que se constroem identidades. Por outro lado, pelas inúmeras oportunidades de narração e reedição do passado e da elaboração de memórias coletivas através das constantes indagações de pesquisadores, representantes do Estado, ambientalistas e turistas (Ferreira, 2006, p.1)

O interessante é como se dá este processo, como ele é útil na luta pela permanência na terra, na definição de territórios coletivos, na coesão do grupo. Atualmente são discutidas propostas que preveem o uso controlado dos recursos naturais, inclusive marinhos, em atividades de pesca e aquicultura. A comunidade passa por transformações e são muitos os problemas enfrentados

Hábitos de consumo são incorporados, ocorrem mudanças de valores, como a monetarização da vida, a troca da solidariedade dos mutirões nas roças ou no arrastão dos peixes pela competitividade entre os *campings*, a percepção do território nativo a partir de elementos valorizados pelo ambientalismo e pelo turismo. (Ferreira, 2006, p.7)

No passado, os caiçaras viveriam da pesca artesanal, da agricultura itinerante e do extrativismo vegetal. Atualmente, o turismo, o número cada vez maior das unidades de conservação e suas restrições aos antigos usos, quando não a permanência nos territórios, redefinem toda uma gama de questões para os estudiosos. Como professores-pesquisadores (as) procuramos pesquisar e participar destes debates, que foram enriquecedores e marcaram nossa formação, nos aproximando mais e mais do mar de seus nativos. Como essas questões sociais foram se incorporando aos currículos por meio de conversas foi o nosso desafio então e continua sendo como dissemos anteriormente sobre as questões migratórias. E o cinema vem sendo nosso aliado.

Conclusões: uma conversa em aberto

Destas histórias, artigos, filmes, vivências, emergem inúmeras redes de ‘*conhecimento significações*’ criadoras, conversas que se pretendem em aberto, pois é limitado o nosso espaço aqui para maiores aprofundamentos. Realçamos que,

apesar de terem conquistado mais direitos frente ao que era na época de Jacaré e seus companheiros, há mais degradação ambiental, escassez e desaparecimento de espécies, turismo predatório e competição com a pesca embarcada, com seus sonares/equipamentos que vasculham o fundo dos mares e impactam fortemente na procriação das espécies marinhas. Muitos/as já vivem de turismo e outras atividades econômicas que intercalam com a pesca. Profundas transformações acorrem ali.

Assim, ‘navegando’ com pescadores, em múltiplas redes, afirmamos o potencial do cinema, este importante artefato da cultura visual, para um devir de formação (e rememoração).

A potência do cinema e das conversas (“cineconversas”) como devires criadores se evidenciou para nós, ao percebermos quantos fios foram puxados ao assistirmos juntas ao documentário, na intenção, não só de criar este texto, mas de buscar elementos e interlocuções para a ampliação dessas redes com professores.

A cultura dos povos tradicionais, seus modos de ser e existir, suas práticas que atravessam gerações e continuam provendo sua existência, são conhecimentos que precisam ser considerados não como meramente intuitivos, em contraposição à ‘racionalidade’ da Ciência Moderna. O documentário coloca, pois, em questão para nós, uma rede de múltiplas possibilidades que vão desde a problematização do binômio documentário e ‘verdade’, até a resistência e criação que se dá no âmbito das comunidades tradicionais: indígenas, quilombolas, ribeirinhas, caiçaras, camponesas e muitas outras.

Assim, as imagens e os sons do cinema, mixadas às práticas dos povos tradicionais em seu constante ‘saberfazer’, se constitui uma senda, um caminho para entendermos e valorizarmos o Brasil profundo, que muitas vezes não vemos e escutamos, em função de uma cultura que se quer hegemônica, de caráter ‘urbanocêntrico’, que nega o outro, o ‘diferente’, tido como rústico, exótico, primitivo (FREITAS, 2005; PEREIRA, 2014), como se estivesse ‘em extinção’, frente ao progresso e à marcha tida como inexorável rumo à civilização.

REFERÊNCIAS

ALVES, Nilda. Decifrando o pergaminho – o cotidiano das escolas nas lógicas das redes cotidianas. In: OLIVEIRA, Inês Barbosa; ALVES, Nilda. *Pesquisa no/do cotidiano das escolas - sobre redes de saberes*. Rio de Janeiro: DP&A, 2008.

ANDRÉ, Marli Eliza D. A. de. *Etnografia da prática escolar*. Campinas, SP, Papirus, 1995. (Série Prática Pedagógica)

BONDÍA, Jorge Larrosa. *Notas sobre a experiência e o saber da experiência*. IN: Revista Brasileira de Educação, nº 19, 20 jan/fev/março/abril 2002.

BRAGANÇA, Felipe (org.). *Eduardo Coutinho*, Rio de Janeiro: Beco do Azougue, 2008.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização, Diversidade e Inclusão - SECADI. *Educação do Campo: marcos normativos/Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização, Diversidade e Inclusão* – Brasília: SECADI, 2012.

CADERNOS EXPEDIÇÃO GRANDE ILHA. *Relatórios das formações de escolas de ilhas*. Versão mimeo. Angra dos Reis, SECTEL, 2007 e 2008.

CADERNO *Inclusão social e produtiva das sociedades tradicionais*, MMA, CEX, Sec para o Desenvolv. Sustentável, relatório de atividades, Brasília, 2003 a 2005.

CANDIDO, Antonio. *A estrutura da escola*. Separata do Boletim CBPE, Rio de Janeiro, CBPE, INEP, s/d.

CARNEIRO , Maria José. CARNEIRO, Maria José. *Ruralidades contemporâneas: modos de viver e pensar o rural na sociedade brasileira*, Rio de Janeiro, Mauad X, FAPERJ, 2012.

CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano* - 1. artes de fazer. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.

DELEUZE, Gilles. *Conversações* - 1972-1990, São Paulo: Ed. 34, 2^a edição, 2010.

_____, Gilles e GUATTARI, Félix. *O que é filosofia?* Rio de Janeiro: Editora 34, 1992.

DIEGUES, Antonio Carlos e NOGARA, Paulo. *O nosso lugar virou parque – Estudo sócio-econômico do Saco do Mamanguá*, São Paulo, NUPAUB - USP, 1994.

_____. *O mito moderno da natureza intocada*, São Paulo, Ed. Hucitec, 1996.

ESTEBAN, Maria Teresa, ZACCUR, Edwiges (orgs). *Professora-pesquisadora: uma práxis em construção*. Rio de Janeiro, DP&A, 2002.

FERNANDES, Florestan. Mudanças sociais no Brasil, São Paulo: Difel, 1974, In: FREITAS, Marcos César de. *Alunos rústicos, arcaicos e primitivos: o pensamento social no campo da educação*, São Paulo, Cortez, 2005.

FERREIRA, Helena Catão H. *Território e Identidades: os caiçaras do Aventureiro*, CPDA/UFRRJ, versão mimeo, 2006.

FREITAS, Marcos César de. *Alunos rústicos, arcaicos e primitivos: o pensamento social no campo da educação*, São Paulo, Cortez, 2005.

MARTINS, Raimundo. Das belas artes à cultura visual: enfoques e deslocamentos. In Visualidade e educação, Raimundo Martins (org). Goiânia: FUNAPE, 2008.

MUSSOLINI, Gioconda – *Ensaios de antropologia indígena e caiçara*, org. de Edgard Carone, Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1980. (Coleção Estudos Brasileiros).

PAPINI, Rossana M. *Um pequeno estudo etnográfico: caiçaras do Perequê*, In: III Colóquio Educação, Cidadania e Exclusão - Gênero e Pobreza, Imagens da Escola, realizado na Universidade do Estado do Rio de Janeiro, 2009.

_____. *Matariz: uma história de formação e silenciamento*, In: VI SEMINÁRIO INTERNACIONAL “As Redes Educativas e as Tecnologias: práticas/teorias sociais na contemporaneidade”, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, 2011.

PEREIRA, Elaine A. T. Modernizando o "arcaico": discursos sobre a formação de professores para o meio rural (anos 1950), p. 111-122, In: VALLE, Ione R.; HARDAN, Juliana C.; DAROS, Maria das Dores (orgs). *Moderno, Modernidade e modernização: a modernização nos projetos de Brasil - séculos XIX e XX*, Belo Horizonte, Mazza Edições, 2014, v.2.

RANCIÈRE, Jacques. *A fábula cinematográfica*. Campinas, SP: Papirus, 2008.

SNUC. Sistema Nacional de Unidades de Conservação da Natureza, MMA, Lei 9.985 (18/07/2000) e Decreto nº 4.340 (22/08/2002).

<https://youtu.be/sWz8QMP0sFs> - depoimento de Mestre Eremilson

<https://youtu.be/sxiw-eazfhk> parte 2

Currículo

Rosa Helena Mendonça

Doutora pelo Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (ProPEd/UERJ). Integrante do Grupo de Pesquisa coordenado pela Profª Nilda Alves, associado à linha de pesquisa Cotidianos, Redes Educativas e Processos Culturais. Bolsista de Pós-Doutorado em Educação da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (ProPEd/UERJ) – Laboratório de Educação e Imagem (Capes/Faperj).

Rossana Maria Papini

Doutora pelo Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (ProPEd/UERJ). Integrante do Grupo de Pesquisa coordenado pela Profª Nilda Alves, associado à linha de pesquisa Cotidianos, Redes Educativas e Processos Culturais. Profª Adjunta da Licenciatura Interdisciplinar em Educação do Campo no Instituto do Noroeste Fluminense de Educação Superior (INFES) pertencente à Universidade Federal Fluminense.